

Lexicografia histórica e questões de método

Américo Venâncio Lopes Machado Filho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MACHADO FILHO, AVL. Lexicografia histórica e questões de método. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 381-390. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.



Lexicografia histórica e questões de método

Américo Venâncio Lopes MACHADO FILHO

Universidade Federal da Bahia

PROHPOR

como os vocabulos são moedas, que na officina da bocca, com ar se cunhão; podem ser roubadas sem escrupulo, por terem todos de casa, no ar, o metal, & na lingua, o artifice, com que se formão.

Raphael Bluteau (1712, fragmento fac-similar)

Preambulando

Segundo Rosa Virgínia Mattos e Silva (2006, p. 17), é o período arcaico do português um momento histórico da língua em que “ainda não se explicitara a norma, os padrões de uso prestigiado, estabelecidos pelos gramáticos”. Àquela época, sobretudo nos três séculos que antecederam as grandes conquistas ultramarinas portuguesas, o vernáculo era provavelmente considerado, no mercado linguístico em que se inseria, simplesmente “linguagem”, “fala chã” de uma nação que se formava.

Como se sabe, a nova tendência, que progressivamente seria engendrada pelas sociedades neolatinas – que passariam a reconhecer no romance um quê de prestígio linguístico em face do latim –, só viria a se manifestar mais explicitamente, a partir do século XVI e de forma ainda incipiente, se comparada aos padrões normalizadores modernos, com a publicação dos primeiros estudos metalinguísticos de cariz sistemático em vernáculo, a *Gramática da linguagem portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira, e a *Gramática da língua portuguesa* (1540), de João de Barros. A língua que estreara sua escrita nos pergaminhos, precoce e arrojadamente ainda no século XIII, exibiu, em sua grafia, por um longo tempo ainda, um grau de variação inconcebível para as mentalidades letradas dos dias de hoje.

A falta, nesse período, de uma ortografia balizadora, que, como se sabe, só viria efetivamente a conhecer a língua portuguesa nos inícios do século XX, com Gonçalves Vianna – não obstante os esforços dos primeiros ortógrafos desde os anos de quinhentos –, faz do trabalho lexicográfico histórico um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta, passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua, em especial daqueles que objetivem registrar o período que antecede as novas posturas sociais, comportamentais e linguísticas do período renascentista em Portugal.

Em detrimento ao difundido princípio linguístico hodierno de seleção baseado em frequências de uso, o processo de lematização de unidades lexicais deve, no trabalho de viés histórico, desviar-se dos preceitos de canonização dos signos lematizados, com que lidam os lexicógrafos contemporâneos. Na lexicografia histórica, a conformação dicionarística dos lemas deve ganhar contornos, não exclusivamente pela sua “face neutra”, isto é, não apenas pela forma flexionalmente vazia do lexema, como é hoje feito, mas pela variedade das formas gráficas, quer simples, quer compostas ou complexas, ainda textuais, que possam ocorrer nos *corpora*, mesmo se não lhe for atestado um correspondente morfológico canônico.

Isso vale dizer que, se um item lexical ocorrer apenas uma vez no feminino plural, o lema deveria corresponder a essa mesma forma atestada, em prol da manutenção do real espólio linguístico da época que se investiga, sem qualquer prejuízo para o método. São uma exceção, obviamente, os verbos, que, por normalmente exibirem um comportamento flexional bastante prolífico e produtivo na história da escrita, podem e devem conformar-se aos ditames tradicionais de lematização.

O desenho da macroestrutura de um dicionário histórico do português, notadamente de seu período arcaico, deve, então, privilegiar, para além desse procedimento antes sugerido de lematização, um sistema de remissão, de alguma forma perdulário, que possa arcar com grande parte da exuberância gráfica existente, evitando com isso que não se deixe de permitir ao público-alvo uma consulta rápida e eficaz às unidades léxicas de seu interesse. Essa estratégia possibilitaria, ainda, que o provável desconhecimento, por parte do consulente, da forma ou das formas gráficas que pudesse exibir uma lexia de um período distante, não lhe obliterasse uma resposta adequada do dicionário à sua curiosidade, mesmo quando de alguma maneira pudessem essas formas linguísticas ter sido alteradas substancialmente com o tempo, a ponto de não mais serem identificadas por ele no presente.

Exemplo disso são os casos, em português, do verbo *ser* < *seer* < (lat. *sedere*) e da palavra *çapato* (talvez do turco *çapata*): *sapato* (grafia moderna). Para um curioso pelo passado da língua que eventualmente desejasse conhecer detalhes desses vocábulos, uma consulta estritamente alfabética a um dicionário histórico seria improdutora, já que

“*le mot vedette*” – para se abusar aqui um pouco do galicismo terminológico – se situaria indiligentemente no esquema de alfabetação consultado.

Assim, a nomenclatura deveria idealmente comportar não apenas toda a variação detectada nos *corpora*, mas, também, fomentar uma estratégia de “falsas entradas” em português moderno – somente quando estritamente necessárias – devidamente sinalizadas, contudo, com indicadores estruturais, tipográficos e não tipográficos, como elementos facilitadores de consulta, isto é, nos casos especiais em que a alfabetação pudesse ser comprometida. A ideia de “falsa entrada” será, na sequência deste trabalho, melhor apresentada.

No tocante à questão da codificação semântica, isto é, da definição, que, para a grande maioria dos metalexícógrafos – a exemplo de Guilbert (1969, p. 29) –, é o elemento primordial, basilar e indissociável de qualquer dicionário, em concordância com o elegante raciocínio de Greimas (1966, p. 5) de que:

Le monde humain nous paraît se définir essentiellement comme le monde de la signification. Le monde ne peut être dit ‘humain’ que dans la mesure où il signifie quelque chose [...].¹

embora fosse desejável que se pudesse obedecer ao que prega a lexicografia moderna, para que, entre os vários tipos de definição, a lógica se apresentaria como a idealizada (cf. BIDERMAN, 1993, p. 29) – isto é, aquela que, com base na lexicologia estrutural, se compusesse a partir da equação incontestada do *genus proximum* e das *differentiae* de todo o contínuo de oposição do conteúdo lexical –, a distância temporal que se interpõe entre o linguista histórico e o léxico que este perscruta pulveriza, de certa forma, o quadro sêmico que se poderia construir em sua mais plausível completude, assim como inviabiliza, por vezes, até a codificação da informação semântica numa definição de compromisso, chamada de lexicográfica, em que figurariam apenas o *genus* e as *differentiae* estritamente caracterizadoras de cada unidade.

Considerando o que afirma ainda Greimas (1966, p. 36) que

la communication est un acte, et, de ce fait même, elle est surtout choix [et que] a l’intérieur de l’univers signifiant à partir duquel elle opère, elle choisit chaque fois certaines significations et en exclut d’autres,²

recuperar a organização do conteúdo lexical total de um dado item no uso sociolinguístico, em um momento específico da história, tem se traduzido como improvável,

se se considerar o nível de imprecisão a que se poderia chegar em relação ao próprio nível de conhecimento fragmentário que se tem da sincronia que se pretende [...] caracterizar (MACHADO FILHO, 2003, p. 21).

1 Tradução livre: “O mundo humano nos parece se definir essencialmente como o mundo da significação. O mundo não pode ser chamado de ‘humano’, senão na medida em que signifique alguma coisa”.

2 Tradução livre: “a comunicação é um ato e, por isso mesmo, é sobretudo escolha [e que] no interior de um universo signifiante a partir do qual opera, escolhe cada vez certas significações e exclui outras”.

Por isso, se poderia optar por recorrer, por vezes, quando necessário e quiçá sem remorso, à estratégia da – com razão, tão combatida pela lexicografia moderna, porém por esta utilizadíssima – definição sinonímica, a partir da observação das acepções contextuais, valendo-se, todavia, de paráfrases lexicográficas, quando possível, já que como recentemente demonstrou Medeiros (inédito) em uma apresentação oral a um seminário estudantil de pesquisa, que, embora seja muitas vezes difícil se chegar a paráfrases perfeitas para a substituição de definições sinonímicas,

o resultado obtido provou que com um pouco mais de esforço é possível se evitarem soluções fáceis e apressadas para o problema da definição lexicográfica.

Com base nesse ponto de vista, então, na impossibilidade de uma solução mais adequada para a codificação da informação semântica no sentido estritamente lexicográfico, caberia aos dicionários modernos, nesse caso, providenciar os subsídios sêmicos complementares ou correspondentes para a satisfação da informação semântica desejada por seu leitor, que porventura não possa ser explicitada no dicionário histórico, senão sinonimicamente, conquanto não se possa perder de vista a seguinte afirmação de Baldinger (1959, p. 243):

Chaque mot fait partie de différents systèmes, sur le plan de la forme, sur le plan de la signification, sur le plan de la désignation, sur le plan de la notion,³

a que se pode acrescentar “no plano da história”, prasefaseando-o.

Por se estar aqui a tratar de questões de métodos a serem adotados na elaboração de um dicionário histórico, especialmente se este contempla a etimologia, a estrutura dos sentidos ou acepções adotada deve ser, preferencialmente, linear (*flat structure*), em ordenação eminentemente histórica, em que se obedeça à trajetória semântica do item definido, em face da sua ocorrência temporal nos *corpora*. Essa atitude pode permitir em alguma dimensão a revisão do que se tem afirmado quanto à datação de elementos lexicais em língua portuguesa, em prol do que chamaria Baldinger (1959, p. 239) da mais adequada “*biographie du mot*”,⁴ afinal, “aujourd’hui le linguiste veut connaître encore la voie qu’a parcourue le mot, et les différents changements qu’il a subis”⁵ (WARTBURG, *apud* BALDINGER, 1959, p. 241).

1 Revendo o preâmbulo com exemplos

Embora acreditem alguns teóricos, a exemplo de Barbosa (*apud* WELKER, 2004, p. 107) – certamente apoiado na ideias de REY-DEBOVE (1971, p. 151) –, que a

3 Tradução livre: “Cada palavra faz parte de diferentes sistemas, no plano da forma, no plano da significação, no plano da designação, no plano da noção”.

4 Tradução livre: “biografia da palavra”.

5 Tradução livre: “hoje, o linguista quer conhecer ainda o caminho que a palavra percorreu e as diferentes mudanças a que submeteu”.

microestrutura de um dicionário de língua deva corresponder a um “programa e a um código de informações aplicáveis a qualquer entrada”, para o desenvolvimento de um dicionário histórico nos moldes do ora proposto, esse posicionamento se torna contra-producente, no sentido em que, em diversos momentos, a entrada deve ser composta, unicamente, de um lema com indicação remissiva. Ademais, verbos, assim como outros elementos gramaticais, a exemplo de formas dependentes, não devem ter o mesmo tratamento, já que, em relação aos primeiros, interessa à história da língua identificar e registrar as manifestações flexionais diacrônicas que se salvaguardaram nos textos antigos e, no que concerne às formas dependentes – esvaziadas de conteúdo extralinguístico –, o enunciado definitório se dá por inferência à sua categoria gramatical.

Com base no exposto, a microestrutura básica de um verbete nominal ótima poderia obedecer à conformação do diagrama abaixo:

```
<lema/> <lema\>( <lema secund./> ~ – <lema secund.\> ) <clas./>
.<clas.\> <etim./> ( ) <etim.\> <fonte etim./> * <fonte etim.\>
(<remis./> → . <remis.\> <def./> ‘ ‘ <def.\>; <def./> ‘ ‘.
<def.\> ) <data/tx/loc/> [ ] <data/tx/loc\> <abon.\>
<abon.\> (<data/tx/loc/> [ ] <data/tx/loc\> <abon.\> (... ) x
(... ) <abon.\>.,
```

em que o lema, deslocado em 1 cm à esquerda, é, em caso de variação gráfica, seguido dos lemas secundários, indicados pelo sinal do til; pela classificação gramatical abreviada por ponto; pela etimologia entre parênteses, a que se apõe a fonte de pesquisa abreviada e em sobrescrito; pela remissão, quando se justifique, indicada por seta e fechada por ponto; pela definição ou definições entre apóstrofes, separadas por ponto-e-vírgula e fechadas por ponto; pela datação, pela indicação do texto de que se extrai a abonação e localização da página, linha ou coluna no original, entre colchetes; e por cada abonação correspondente, com o item em negrito, fechada por ponto final. Em decorrência desse posicionamento, os verbos mereceriam no planejamento uma estrutura diferenciada dos outros itens lexicais.

Na sequência, exemplificam-se os formatos dos verbetes de elementos nominais, formas verbais, de formas meramente remissivas e das “falsas entradas” antes referidas, através de alguns fragmentos da nomenclatura de um dicionário do português arcaico:

.....
a¹ – prep. (< lat. *ad*)⁸ [1214/tasl/8]: exetes aq(ue)stas dezimas q(ue) mado dar por mia alma e as out(ra)s q(ue) tenio en uontade por dar por mia alma e non’as uiier **a** dar [xiii/frac/98r]: Ovtrosy mandam(os) q(ue) se algũa cousa for fortada e for asconduda non se possa deffender p(er) tempo que nõ respõda **a** seu dono por ella q(ua)ndo quer que lha demandarẽ. [xiv/flos/13rc1]: e o mercador nõ quis tardar e mandou do seu **a** seus homeens o que teve por bem. [xiv/flos/21vc2]: e fez sa oraçõ **a** deus que lha fezesse viir.
.....

a²(s) ~ **la**(s) ~ **lla** – art. def. fem. (< lat. *illa*)⁸ → o¹(s). [1214/tasl/5] E ssi eu e **a** raina formos mortos, rogoli e pregoli q(ue) os me(us) filios e o reino segĩa en sa comẽda. [xiii/

frax/71v]: E esta é a nossa fe catholica que firmemente teemos e cremos. [xiii/frax/80r]: Este que a nõ quizer teer por **Ila** (a) uintena da demanda, non tenha uoz a nenguo en todo aquel ano ena uilla, se nõ for sua uoz *propria*. [xiv/flos/13rc2]: e pois esto disse, deo **a** alma a deus [xiv/flos/68rc1]: e começou-o a catar de **la** cabeça ata os pees e dizer. [xiii/frax/86v]: Todas **las** cousas que o alcayde mande fazer <a> alguu ome, assy como penhorar ou asseentar ou entregar ou outras cousas *que* cõuenhã ao offyzyo do alcayde, e aquel a que o mandar, *comprir* a mandamento do alcayde, e alguu daquelles *contra* que for o mandamento demandar aaquel que o faz algũa pẽa porque o fez. [xiv/flos/21vc2]: e **as** cousas que os teus servos obram per ti tuas som, que é isto por que nos pesa que as bestas feras sentem o teu poder e os homens nõ.

.....
a³(s) ~ la(s) – pron. fem. (< lat. *illa*)^g → o²(s). [xiii/frax/71v]: E qu(er)emos e demãdamos que todo crishão|s| tenha esta fe e **a** guarde e q(uê) quer q(ue) (contra) ella ueer enalgũa cousa es erege e receba a pẽa que é posta (contra) os h(er)eges. [xiii/frax/120v]: E se iurar ca se queymou cono seu enaquella casa ou q(ue) **la** fortarõ cũ outras sas cousas, nõno peyte a seu dono. [xiv/flos/22vc2]: filha esta vara e chanta-**a** em aquel curral. [xiv/flos/46rc2]: que nõ desse fiador pera governá-**la** daquelo que mester houvesse. [xiv/flos/61vc1]: e de diia fazia sas obras e vendia-**as** e quando se queria poer o sol comia hũa dī eyrada d'antemorços e todo o al que ganhava guardava-o. [xiv/flos/51rc1]: estas ovelhas que nós havemos, havemo-**las** de nossos padres e de nossas madres.

.....
aa(s) – contração da prep. *a*. com o art. def. fem. *a*. [xiv/flos/13rc2]: e **aa** porta siia huũ velho de grande ydade que a guardava. [xiv/flos/18rc2]: mas de todo esto fazia el bem maenfestar todos seus frades quando haviam d'entrar **aa** missa. [xiii/frax/101v]: Pero se o alcayd(e) nõ quizer poer o prazo, segundo o que uijr que é guisado assy como é ia dito, poys que for demandado, mandamos que aya en pea qual teuer por ben o que á de juygar o alçamẽto. Poys que o alcayde poser prazo **aas** partes q(ue) aparescã ant'el rey ou ante aquel que á de iujgar o alçamento. [xiv/flos/77rc2]: ata que veesse o emperador que fora **aas** outras cidades pera atormentar aqueles que os ydolos nõ quisessem sacrificar.

.....
abade ~ abbade – sm. (< lat. *abbātem*)^h. 'prelado hierarquicamente superior, responsável por uma abadia'. [1214/tasl/7] E mãdo q(ue) o **abade** d'Alcobaza lis de aq(ue)sta dezima q(ue) el ten ou teiuer. [xiii/frax/96v] [T]oda carta q(ue) seya feyta ante alguus e seya y posto seello del rey ou de arçabispo ou de bispo ou d(e) **abade** ou d(e) prior ou d(e) concello ou de pessoa conhoçuda por testimonho, esta ualla, fora se aquel (contra) quẽ for feyta |a|a carta a poder desfaz(er) cũ dereyto. [xiii/frax/145r] E possao o monge q(ue)rellar a sseu **abbade** ou a seu mayor so cuyo poder é. [xiv/flos/13vc1] estes lavravam e ganhavam e colhiam seu pam e envyavam ende a muy mayor parte a este **abade** que a metesse em prol dos pobres.

.....
abbade → abade.

.....
abrir – v. inf. (< lat. *apērire*)^g. 'descerrar'; 'destrancar'; 'separar partes'. || INF [xiii/frax/143r]: Se alguu omẽ abrir ou mãdar **ab(ri)r** moymẽto ou coua d(e) morto e lhy tomar as uestiduras ou daq(ue)lhas cousas que lhy metẽ por onrra, moyra porẽ. [xiv/flos/32rc1]: e porque nõ era tempo de lhi **abrir** nẽgũ a porta. || IPP1 [xiv/flos/2vc1]: e aos tres dias cheguey-me e **abri** a feestra e quando catey vi que era morto. IPP3 [xiv/flos/2vc1]: e tanto que chamey **abrio**-mi e logo tanto que me vyo, conhoceu-me. IPP6 [xiv/flos/42rc1]: e quando feri aa porta hu eles moravam, **abrirom**-mi. || IPI3 [xiv/flos/42rc2]: e outrossi o mayor cada que **abria** sa boca pera cantar saya dela come corda de fogo. || IP+3 [xiv/flos/42rc2]: e semelhou-mi logo que se **abrir**a o teyto da cela e entrou per hi hũa luz. || CPI3 [xiv/flos/44rc2]: pediu-lhi por deus que lhi **abrisse** a porta. CPI6 [xiv/flos/69rc1]: e eles ferindo aa porta que lhis **abrissem** || CF3 [xiii/frax/143r]: Se alguu omẽ **abrir** ou mãdar

ab(ri)r moymêto ou coua d(e) morto e lhy tomar as uestiduras ou daq(ue)lhas cousas que lhy metê por onrra, moyra porê. [xiiiifrax abrirê || IA2. [xiv/flos/5rc1]: **abri**-a e os soldos que achares que teu companhō ti havia furtados toma-os. IA5 [xiv/flos/49rc1]: **abride**-lhi a porta do parayso e leixade-o entrar. || PPfp [xiii/frax/95v]: Pero manda a ley que nenhuu nō possa aduz(er) testemōias nenhuas depouys que as parauos forē **abertas** das que ante dera, ben mandam(os) que se c(ar)tas algūas teu(er) q(ue) façã p(er)a seu preyto, q(ue) as possa aduz(er) e prouar per ellas.

.....
çapatos – sm. pl. (< origem obscura, talvez do turco *çapata*)⁶ ‘calçado, em geral de sola dura, que cobre o pé, parcial ou completamente’. [xiv/flos/62rc2] na terra d’ouriente hu os clerigos sō sem pecado casados, foram dous clerigos e viviam per fazer **çapatos** e eram vezinhos huus doutros.

.....
espedir-se ~ **espidir-se** – v. (< lat. *expetere*)^m ‘despedir-se’; ‘ir embora’; ‘dispensar’. || INF [xiii/frax/120r] E mādamos que o senhur de que alguu fidalgo **se** quiser **espedir** nō lhy faça por en outro mal, senō que lhy demāde seu deryto se quiser e nōno deoste nē uilte por en. [xiii/frax/120r] Todo vassallo despoys que **se** **espidir** de seu senor e non lhy quiser tornar as armas nen os caualos que del ouue, possam <o> senor retar polhas lorigas. [xiii/frax/119v]: E quando quiser **espedirse** del beygelhy a mão [...] ao senhor de que se espede e digalhy: foan tal caualeyro uos mādā beygar a maaos e **espedirse** de uos per mi. || IP3 [xiii/frax/119v] E quando quiser **espedirse** del beygelhy a mão [...] ao senhor de que **se espede** e digalhy: foan tal caualeyro uos mādā beygar a maaos e **espedirse** de uos per mi. [xiv/flos/13vc1] mais quando ha de morrer conhoce sa morte e dize-o a todolos frades e **espede-se** deles e morre e dá sa alma a deus. || IPP3 [xiv/flos/32rc2] ele pois que se maenfestou e ordiōu seu testamento e **espediu-se** a seus amigos, e a primeira noyte que veo sayu-lhi a alma do corpo. || IPP6 [xiv/flos/37vc2] e pois aqueles maaos conselheiros virom que rem nō podiam acabar daquelo por que veerom, **espidirom-se** do sancto bispo e do governador e foram-se muyto amaros e muyto tristes pera sa casa.

.....
espidir-se → **espedir-se**.

.....
[sapatos] → **çapatos**.

.....
Como se pode perceber na análise dos exemplos acima, extraídos do *Dicionário etimológico do português arcaico* (MACHADO FILHO, inédito), o sistema de abonação dos verbos obedece a uma dinâmica própria, que procura apresentar ao consulente todas as possibilidades de flexão verbal detectadas no *corpus*, a partir de uma hierarquia racional, em que modo, tempo e pessoa (obviamente apenas as formas detectadas) são indicados pelas abreviaturas correspondentes, após barras verticais.

As chamadas “falsas entradas” remissivas, acima representadas pelo verbete [*sapatos*] → *çapatos*, indicam que, embora a lexia pesquisada não esteja atestada na forma gráfica que se encontra patente entre indicadores estruturais, especificamente pelos colchetes, a sua correspondente histórica estaria devidamente lematizada no dicionário, conquanto em forma morfológica de plural, não-canônica, portanto, já que esse item só teria ocorrido com essa configuração linguística no *corpus*.

Esse posicionamento busca colocar a consulta “ao alcance de um público relativamente vasto e não preparado filologicamente para enfrentar os textos medievais à vista

desarmada”, como diria Castro (1973, p. 5), evitando que itens lexicais como *hymno (hino)*, *erdeyro (herdeiro)*, *sagramento (sacramento)*, entre muitos outros, cujas formas se distanciam bastante do padrão ortográfico moderno, sejam ignorados no processo de pesquisa, em função da ordenação alfabética linear.

Quanto à delicada questão da definição, observe-se que, enquanto as formas dependentes são apresentadas sem esse item estrutural, ou seja, a inferência do conteúdo semântico se faz pela sua categorização gramatical ou por seu processo de formação, exclusivamente, como parece próprio nesses casos, a paráfrase lexicográfica definitiva é de alguma forma alcançada nos itens mais lexicais ou referenciais, como *abade ~ abbade* ou *çapatos*, mas menos desenvolvida nos verbos, para que se recorre à sinonímia, que se diga imperfeita.

Concluindo

É a lexicografia histórica – malgrado algum esforço que já se empreendeu na elaboração de glossários e vocabulários – uma área relativamente nova entre as ciências do léxico e, por isso mesmo, demanda que se estabeleçam metodologia e fundamentação teórica que, mesmo que por vezes possam parecer antagônicas às praticadas pela lexicografia moderna, sobretudo na composição de *corpora*, no aproveitamento dos dados e no seu adequado tratamento, representem um avanço no desenvolvimento dessa área do conhecimento.

Considerando, ainda, que o trabalho de investigação etimológica tem se revelado, por seu turno, como “um terreno relativamente novo e suscetível a aperfeiçoamentos”, como afirma Brucker (1988, p. 115), o desenvolvimento de dicionários histórico-etimológicos é uma frente a ser melhor desenvolvida nos centros de pesquisa sobre o léxico no país.

Pretendeu-se com este trabalho apresentar uma reflexão sobre os métodos e adequações teóricas com que se tem trabalhado na composição de um dicionário etimológico do português arcaico, com vistas a permitir qualquer contribuição para o avanço de pesquisas nesse campo do conhecimento.

Fica a homenagem ao trabalho de Rosa Virgínia Mattos e Silva para o conhecimento da história linguística do português como um todo.

Referências

BALDINGER, Kurt (1959). L''étymologie hier et aujourd'hui. *Langue française*, Paris, vol. 11, n. 1, p. 233-264.

BIDERMAN, Maria Tereza (1993). A definição lexicográfica. *Terminologia*, Porto Alegre, n. 10, p. 23-43.

BRUCKER, Charles (1988). *L'étymologie*. Paris: Presses Universitaires de France.

- CASTRO, Maria Helena et al. (1973). Normas de transcrição para textos medievais portugueses. *Boletim de Filologia*, Lisboa, n. 12, p. 417-425.
- GREIMAS, A. (1966). *Sémantique structurale: recherche de méthode*. Paris: Larousse.
- GUILBERT, Louis (1969). Dictionnaires et linguistique: essai de typologie des dictionnaires monolingues français contemporains. *Langue française*, n. 2, p. 04-29.
- MACHADO FILHO, Américo (2003). Breve incursão pelo léxico medieval do português: o testemunho de um manuscrito trecentista. *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, n. 29-30, p. 15-29.
- MACHADO FILHO, Américo (inédito). *Dicionário etimológico do português arcaico* [Projeto de pesquisa em desenvolvimento].
- MACHADO FILHO, Américo (2008). *Diálogos de São Gregório: edição e estudo de um manuscrito medieval português*. Salvador: Edufba.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006). *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- MEDEIROS, Carmen Lúcia de (inédito). Verbos de punição em um *flos sanctorum* e o problema da definição na lexicografia histórica. [A sair nas *Atas* do Seminário de Pesquisa Estudantil em Letras 2009, Universidade Federal da Bahia].
- REY-DEBOVE, Jacqueline (1971). *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. La Haye/Paris: Mouton.
- WELKER, Herbert (2004). *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus.

